

## NOSTALGIA VERSUS TECNOLOGIA: PROPOSTAS PARA UM TERCEIRO PENSAMENTO

Ananda Vargas Hilgert

Resumo:

Considerando a importância das temáticas sobre mídia, tecnologia e juventude para o campo da educação, apresento aqui materiais midiáticos, relatos, reportagens, textos, enfim, uma empiria diversa que pode apontar caminhos para pensarmos nossa relação com as tecnologias no contexto contemporâneo. Quantas vezes, em nossas pesquisas nas áreas de comunicação, mídia e tecnologia, nos deixamos ficar em dualismos? Pretendo, neste trabalho, com o apoio do material empírico referido, além da análise de dois filmes (*Meia-noite em Paris*, de Woody Allen, e *Ela*, de Spike Jonze) pensar sobre certos *ruídos* do nosso tempo que parecem apontar para uma busca por outras épocas, outras mídias, num discurso carregado de desejos pela “verdade”, “estabilidade”, pela experiência “real”. No entanto, isso é dito ao mesmo tempo em que não se cogita deixar de lado o uso de neotecnologias. Através de filósofos como Giorgio Agamben e Michel Foucault, pretendo discorrer sobre de que modo podemos pensar sobre perigos do nosso tempo, e possibilidades de produção de pensamento sobre mídia, educação e tecnologia que vão além de dicotomias, que pensem noções do que é ser contemporâneo, de reconstruir o presente considerando mais as travessias do que o progresso.

Palavras-chave: nostalgia, tecnologia, mídia, contemporâneo.

Mesmo quando pretendia dar a alguém um presente eminentemente prático, como, por exemplo, uma poltrona, um serviço de mesa ou uma bengala, ela sempre fazia questão de que fossem ‘velhos’, como se estes, purificados do seu caráter utilitário pelo desuso, pudessem nos contar como haviam vivido as pessoas nos velhos tempos, em vez de se prestarem à satisfação das nossas necessidades modernas.  
(PROUST apud TARKOVSKI, 2002)

A citação acima está presente no livro “Esculpir o tempo”, de Andrei Tarkovski. Marcel Proust fala sobre sua avó e a característica que ela tinha de dar presentes velhos, mesmo que fossem de caráter utilitário. Proust diz que essa parecia uma vontade de dar uma história de presente junto com o objeto. A bengala não seria somente algo que ajudaria alguém a caminhar, mas uma peça utilitária que também conta uma história de vida. E não de qualquer vida, mas da vida das pessoas “nos velhos tempos”.

Olho ao meu redor e vejo minha coleção de xícaras e vasos antigos. Algumas xícaras estão sujas de café e chá, esperando para serem lavadas na pia. Outras estão expostas nas prateleiras. Algumas lascadas, com desenhos apagados. Outras não uso nunca, só olho, fotografo, enfeito. Sinto-me um pouco avó de Proust. Penso nessas xícaras como itens que me contam histórias. Quantas pessoas tomaram seus cafés e deixaram-nas sujas na pia? Que

fascínio é esse que me provoca um objeto velho, usado, quebrado? É o tempo, a memória, que fazem desse um objeto destituído do seu caráter meramente prático? O que é um objeto meramente prático?

Depois da sessão de abertura de uma mostra de cinema, vou caminhando com alguns amigos até um restaurante. Passamos por todo o Centro Histórico da cidade. Um deles me pergunta se conheço a barbearia Caçapava, por onde vamos passar logo em frente. Ele me conta que a barbearia existe desde os anos 1960, mas que agora parece estar fazendo sucesso com alguns grupos de jovens. A barbearia tem apenas um funcionário, o próprio dono, um senhor com 70 anos. Não há muita coisa lá dentro, além de um piso quadriculado e uma cadeira velha. No entanto, agora, em 2016, essa barbearia é frequentada por jovens. Parece que o dono da barbearia não faz mais do que três ou quatro cortes diferentes. Meu amigo completa: ele faz os mesmos cortes que sempre fez, mas agora eles voltaram a estar na moda<sup>1</sup>, por isso faz sucesso hoje.

Uma amiga fez, há poucos dias, uma postagem na página do *Facebook* contando sobre uma interação que teve com uma de suas alunas de um curso de graduação. A aluna perguntou se ela “tem vida social”, se costuma sair com amigas, ir a bares. A professora, autora da postagem, diz ter perguntado por que o interesse da aluna por aquela informação. Então a aluna responde: é que eu nunca vi nenhuma foto de saídas tuas com amigas, postada no *Facebook*. Minha amiga segue sua postagem reclamando que “hoje em dia parece que nada acontece, nada é real, se não está no *Facebook*”.

---

<sup>1</sup> Giorgio Agamben trata da moda como tendo uma característica peculiar de sempre poder “citar” outros tempos, podendo revitalizar, revisitar, chamar novamente aquilo que tinha sido dado como finalizado, morto. Além disso, ele ressalta que nunca é possível “estar” na moda, sendo essa sempre construída anterior ao agora; estar na moda é, ao mesmo tempo, ser *démodé*.

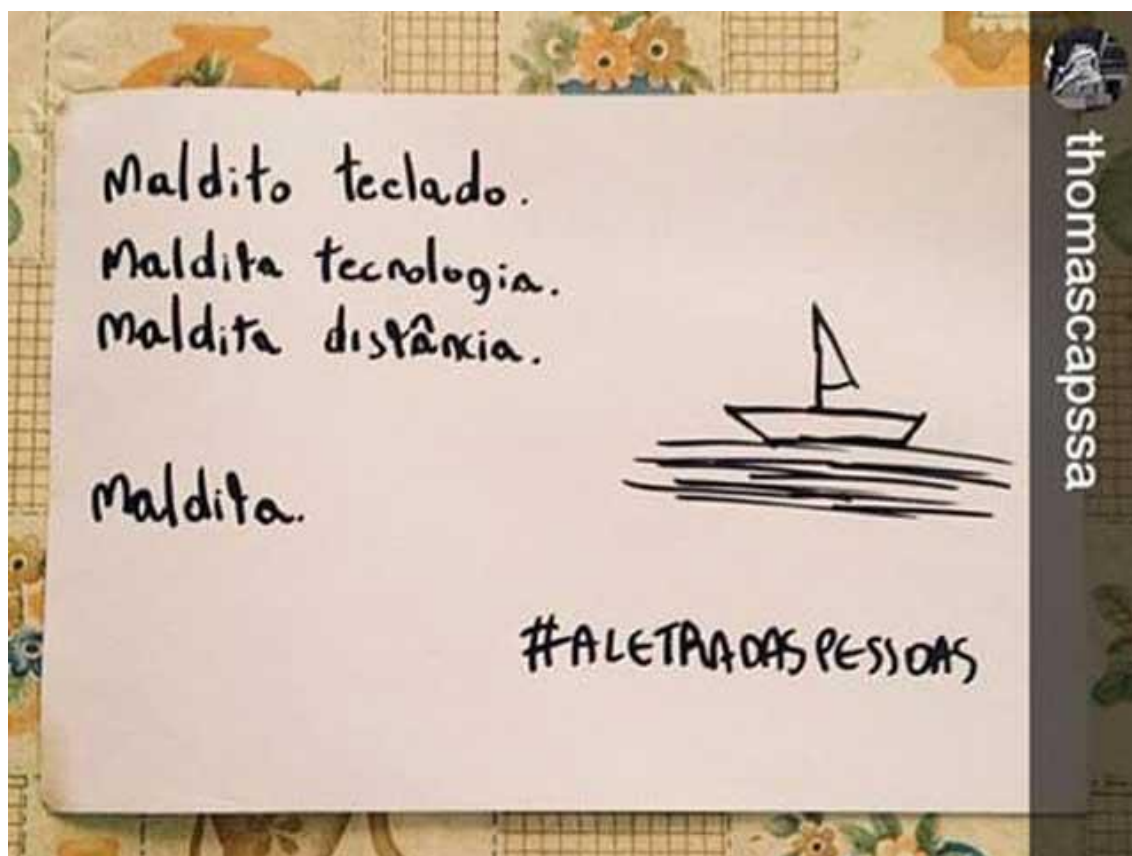


*“The two things that really drew me to vinyl were the expense and the inconvenience.”*

*As duas coisas que realmente me atraíram para o vinil foram o valor alto e a inconveniência*

---

<sup>2</sup> Todas as imagens, recortes de reportagens ou charges presentes ao longo deste artigo devem ser consideradas como fazendo parte do próprio corpo do texto. Com o objetivo de escrever um artigo ensaístico, arrisco também um uso não tradicional de imagens, sem fazer listas de figuras, ou “explicar” de onde cada imagem foi retirada. Acredito que fazer pesquisa sobre mídia e tecnologia é também pensar sobre as nossas próprias relações com as amplas possibilidades da criação e das aproximações entre texto e imagem.



Os relatos e imagens que trago no início deste artigo-ensaio servem para contextualizar e problematizar algumas discussões sobre mídia, tecnologia e juventude que pretendo realizar aqui. Considerando a importância dessas temáticas para o campo da educação, venho recolhendo, nos últimos meses (como parte de minha pesquisa de doutorado), vários materiais midiáticos, relatos, reportagens, textos, enfim, uma empiria diversa que pode apontar novos caminhos para pensarmos nossa relação com as tecnologias no contexto contemporâneo.

De início, podemos apontar para as várias dicotomias que cercam os temas aqui abordados. No relato de Proust temos o objeto novo e útil/prático *versus* o velho objeto portador mais de histórias do que de utilidade. O fascínio de meu próprio relato sobre as xícaras antigas se assemelha à ideia de que aquilo que é velho seria o que *de fato* conta uma história. O objeto antigo tem um distanciamento maior em relação ao momento em que foi fabricado, dando a ilusão (ou não) de que já não é um produto utilitário, mas uma espécie de contador de histórias. A xícara que se compra já quebrada e remendada, por exemplo. Alguém a quebrou, colou, depois dela se desfez. Anos depois, em 2016, ela está em minha prateleira. A barbearia Caçapava poderia ser também um dessas figuras antigas. Com todo o romantismo que cerca tais objetos, fascínios e histórias, é fácil, e muitas vezes do senso comum, ficarmos

presos às dicotomias velho *versus* novo, útil *versus* inútil, objeto histórico *versus* produto industrial, apego *versus* desapego etc.

A angústia de minha amiga diante da pergunta da aluna também nos traz uma importante dicotomia da vida contemporânea: vida virtual *versus* vida real. A jovem professora está se perguntando: o que é real, afinal? O que eu faço nos finais de semana, nas ruas, nos bares, ou o que eu posto no *Facebook*? Existe essa separação? A estudante vê a professora como alguém que “não tem vida social” por falta de postagens nas redes sociais. Por seu lado, minha amiga se vê injustiçada e aprisionada por essa insistência contemporânea da necessidade de expor o que se faz, nas redes sociais.

A “maldita” tecnologia, a “maldita” distância. Distância do quê? Da vida real e da virtual? Distância entre pessoas? A maldita tecnologia que nos distancia do valor e da inconveniência do vinil? A maldita tecnologia que nos permite criar a *#aletradaspessoas* para compartilhar nossa angústia com a própria tecnologia?

Trago esses questionamentos, juntamente às dicotomias expostas na abertura deste texto, para pensarmos em nosso papel como pesquisadores das áreas de comunicação, mídia e tecnologia na educação. Quantas vezes nos deixamos ficar em dualidades? Ressaltamos a importância das novas tecnologias em detrimento daquilo que denominamos “práticas antigas”? Deslumbramo-nos com as amplas possibilidades de um computador? Ou, ainda, apenas ressaltamos os aspectos negativos do uso de tecnologias na educação, mostrando nossos medos diante das possibilidades de distanciamento, desapego, alienação?

A norte-americana Sherry Turkle desenvolveu uma pesquisa durante vários anos, que traz apontamentos semelhantes aos que apresento aqui. Em seu livro *Alone Together*, ela relata as muitas formas de impacto da tecnologia na vida de pessoas de idades variadas, desde crianças até idosos. No começo do livro, ela conta sobre a comunicação com sua filha, que estava morando na universidade. A autora revela suas angústias ao falar com a filha pela internet, por *Skype*, e a dificuldade em conversar com ela – as duas acabavam falando apenas banalidades e encerravam a ligação rapidamente. A autora lembra de quando ela mesma estava na universidade e falava com sua mãe, apenas por cartas manuscritas. Turkle recorda com muito carinho das cartas, do quanto elas eram profundas, reveladoras e importantes para a sua formação como jovem. No entanto, a intenção aqui não seria apenas dizer que cartas são “melhores”, porque permitem um diálogo mais significativo; ou, ainda, que o *Skype* é “melhor”, pois permite que mãe e filha possam se ver, ouvir as vozes uma da outra. *Skype* e

carta são apenas diferentes. Turkle parece apontar bem mais para o empobrecimento decorrente de uma tecnologia simplesmente substituir a outra. Um *Skype* não pode substituir uma carta, assim como, hoje em dia, não podemos cogitar a possibilidade de morar longe da família e comunicarmo-nos apenas por carta, sem utilizarmos a vantagem de ver e ouvir (e ainda podemos questionar esse “ver” e “ouvir”) trazida por um aplicativo como o *Skype*. Podemos ter “um pé no hoje, enquanto o outro já é *vintage*”.

Quando pensamos em memória, mídia e tecnologias, um dos autores mais citados, ainda hoje, é Walter Benjamin. Trago aqui, portanto, mais um relato de minha vivência para continuar o debate sobre dualismos<sup>3</sup>, em relação direta com a pesquisa em educação. Lembro uma aula em que foi pedido, aos alunos de pós-graduação, a leitura do célebre texto de Benjamin, “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”. Entre outras questões, está presente neste texto o importante conceito de aura. Na tentativa de entender o conceito, durante o debate, os alunos passaram a trazer exemplos de objetos que eles acreditavam “ter” aura, além de outros, desprovidos do que estávamos entendendo por aura até aquele momento. Uma foto antiga já amassada pelo tempo teria aura. Já uma foto tirada com um *smartphone* e postada com filtros do *Instagram* não teria aura. Uma casa antiga, com a tinta descascada, teria aura. Um prédio novo, espelhado, com estacionamento, não teria aura. Esses foram alguns exemplos. A grande maioria dos alunos seguiu confiante de que aquele era o conceito de aura, ou seja: aura nos fala daquilo que é antigo, deteriorado, “palpável”, objeto portador de história, como a bengala da avó do Proust.

É notável a carga nostálgica das conclusões daqueles estudantes de pós-graduação em educação. O próprio Walter Benjamin é seguidamente acusado de ter sido um saudosista e, conseqüentemente, pessimista quanto ao mundo moderno. Os alunos parecem ter seguido essa “fama” de Benjamin e definiram aura simplesmente como aquilo que é antigo. Ou seja, nada do que é produzido hoje teria aura? Novamente, caímos no perigo das dicotomias. Revisitar os estudos de Walter Benjamin hoje deve ser feito com um certo cuidado e rigor para não acabarmos caindo nesse perigo.

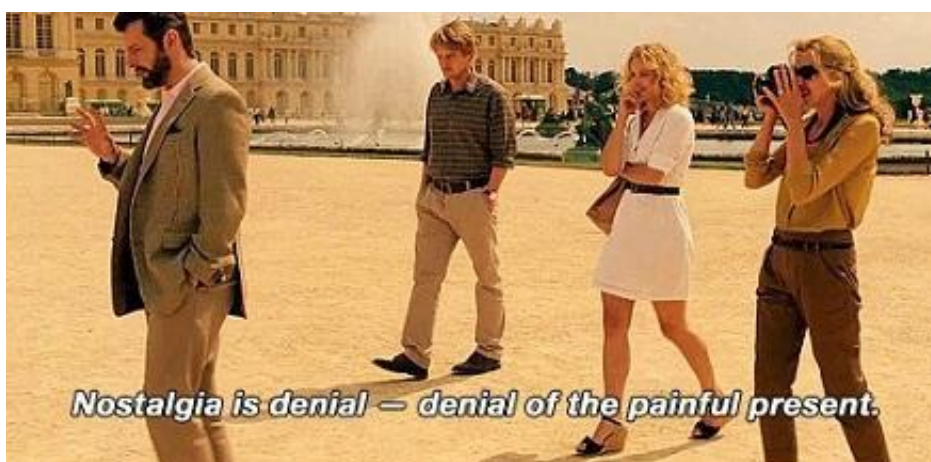
O conceito de aura está ligado a uma percepção de espaço e tempo, a trama particular que envolve um único “aqui e agora” da obra. Por isso, não pode ser reproduzida, como

---

<sup>3</sup> Ressalto aqui, paralelamente ao debate mais concentrado na área de tecnologia e comunicação, o atual contexto político que vivemos no Brasil, recheado dos perigos das dualidades. Talvez tal debate, considerando possibilidades de um pensamento diverso, para além de dicotomias, possa também nos trazer reflexões quanto aos nossos posicionamentos políticos.

afirma Walter Benjamin. No momento em que tiramos a fotografia de um quadro e reproduzimos essa imagem em camisetas, canecas ou *links* de *download* na internet, a aura específica em que foi criada aquela obra se perde. Pensar isso hoje é de uma complexidade muito grande. Nossa relação com imagens, reprodução, tecnologia e obra de arte é completamente diferente daquela vivida por Walter Benjamin. Por isso, acredito que, na tentativa de transpor para hoje o conceito de aura, acabamos nos mostrando mais saudosistas e nostálgicos<sup>4</sup> do que Benjamin jamais foi. Talvez seja uma forma de revelarmos nossas próprias angústias e medos de “perder” certos objetos, perder uma história que ainda nos pertence, perder o contato com certas memórias. Queremos nos apegar à casa antiga para lidar com o esmagamento dos prédios novos.

Talvez faça mais sentido para nós, hoje, pensarmos em recriação de auras e não propriamente em destruição. A crítica de Benjamin está bastante ligada à vontade de posse e a particularidades do sistema capitalista de consumo. Para ele, uma obra de arte não pode funcionar por uma lógica de capital. Como vamos pensar “benjaminianamente” hoje, estando totalmente inseridos numa lógica de consumo? Os mesmos alunos que criticaram os prédios novos e as fotos do *Instagram* estudam arte e cercam seu dia-a-dia de reproduções de quadros e esculturas. Fazem *downloads* de obras de arte em alta definição nos sites dos museus. Têm, muito provavelmente, como fundo de tela dos seus *smartphones* uma fotografia, uma reprodução (“sem aura”) de uma obra de arte. Temos hoje uma outra relação com arte, moda, imagem, mídias. Transpor a ideia de reprodutibilidade de Benjamin para os dias de hoje seria o mesmo que pensar a arte contemporânea a partir dos mesmos valores de arte do século XIX.



*Nostalgia é negação – negação do doloroso presente.*

---

<sup>4</sup> Ao longo deste ensaio, pretendo problematizar os próprios conceitos do que significaria ser nostálgico ou saudosista.

O diretor Woody Allen, no filme *Meia-noite em Paris* (2011), parece tratar de um tema similar, que talvez nos ajude a pensar em possíveis caminhos para discorrer sobre esses elementos contemporâneos. O personagem Gil, escritor, está de férias em Paris com sua noiva. Gil se sente deslocado em relação à família e aos amigos da noiva e passa a dar caminhadas sozinho por Paris. Numa dessas caminhadas, algo mágico acontece: quando o relógio bate meia-noite, a Paris em volta de Gil se transporta para os anos 1920, época considerada mais gloriosa e criativa artisticamente pelo personagem. Ele conhece Ernest Hemingway, Pablo Picasso, Cole Porter, Scott e Zelda Fitzgerald, Salvador Dalí e mais uma série de artistas que admira. Gil fica tão deslumbrado com essa possibilidade, que não perde tempo questionando-se sobre o surrealismo da situação. Woody Allen criou o mundo perfeito para muitos de seus espectadores fiéis: a chance de ver que Hemingway fala do mesmo jeito cru e honesto com que escreve, que Dalí discute arte bebendo vinho num bar com Buñuel, que Zelda Fitzgerald é tão impulsiva e imprevisível quanto lemos nas suas biografias.

Gil conhece também Adriana e passa a ir às festas e dar suas caminhadas com ela. Adriana é uma jovem estudante de moda, amante de Picasso: para ela, a melhor época de Paris foi a *belle époque*. Gil não entende como alguém vivendo nos anos 1920 pode pensar isso, até que os dois são novamente transportados no tempo e se veem na Paris do fim do século XIX, a *belle époque* amada por Adriana. A jovem mostra o mesmo deslumbramento de Gil quando se viu ao lado de Hemingway e Cole Porter pela primeira vez. Gil tem um momento de epifania ao se dar conta de que, talvez, a insatisfação não seja com a sua época, mas com a ideia de viver no presente, com o medo do esquecimento, com a dor nostálgica, da saudade daquilo que nem vivemos.

Allen termina seu filme com o personagem Gil escolhendo voltar para o presente e lidar com as possíveis insatisfações de, enfim, não viver ao lado do casal Fitzgerald, ou ter dicas de escrita com a Gertrude Stein. Ao criar o filme *Meia-noite em Paris*, Woody Allen talvez esteja pensando o nosso presente, as nossas insatisfações, as nossas “fugas nostálgicas”.



## TECNOLOGIA MOVIDA A CARVÃO

O simples desejo de diferenciação ou a necessidade de entrar em contato com uma realidade mais crua e verdadeira constam entre os principais motivos para que o interesse das novas gerações pelo mundo analógico esteja em franco crescimento

POR: CRISTINA JUDAR / 03/02/2015

 Curtir

21

 Tweetar

2

Mas o charme irresistível das teclas altas, que fazem um barulho inconfundível quando são usadas, está conquistando o coração de jovens que querem ser "diferentes" no mundo inteiro.

Outro atrativo para os hipsters - grupo que rejeita o mainstream - é a fonte única da máquina, que tem sempre alguns "defeitiños" charmosos em cada letra.

O peso da máquina não parece ser um problema para essas pessoas, que a carregam para metrô, praças e Starbucks. E claro, compartilhando fotos do momento em seus perfis no Instagram.

"Uma criança me perguntou como eu faço para digitar e imprimir ao mesmo tempo", se divertiu um usuário da rede social na legenda de sua foto com a máquina de escrever.

### Hipsters adotaram a maquina de escrever

1 de 7



Reprodução/Instagram/princevonvalium



## Eventos de rua se consolidam e entram na rotina de Porto Alegre

Com cada vez mais adeptos, feiras mesclam moda, arte e gastronomia ao ar livre



A feira "Me Gusta" em seis edições pulou de 600 para sete mil visitantes | Foto: Classy / Divulgação / CP

Promover o contato grupal para enaltecer a arte e a cultura em um espaço público. Em tempos em que tecnologia parece introduzir uma forma individualista de relacionamento, é curioso notar que os eventos de rua, cada vez mais comuns nos parques, praças ou avenidas de Porto Alegre, estejam atraindo tantos adeptos nos últimos meses.

Em abril, por exemplo, a "Serenata Iluminada", que aconteceu no parque da Redenção com números teatrais e musicais de artistas independentes, atraiu cerca de dez mil pessoas no local, em pleno sábado à noite. As feirinhas diversas ao ar livre oferecendo desde brechós a ambientes dedicados à outra sensação, os food trucks, também conquistaram seu espaço (ou espaços, no plural mesmo, já que elas podem ocorrer em qualquer lugar) e entraram na rotina da agenda cultural da cidade.

A "Me Gusta" é uma dessas opções que se apropriou do formato oferecendo mensalmente barraquinhas de roupas, vinil, livros, artesanato, tudo na rua. A feira já está chegando na sua sétima edição e pulou de 600 para sete mil visitantes desde a sua estreia.

"A nossa cidade está passando por um momento único de efervescência cultural e artística, que resulta nessa vontade de troca de experiências e, conseqüentemente, em uma mudança no comportamento das pessoas", afirma Pamela Morrison, uma das idealizadoras da feira, que também credita à falta de espaços democráticos e acessíveis na Capital para despertar o interesse pelos eventos ao ar livre.

Mostrei aqui, até o momento, alguns desses diversos objetos, recortes, reportagens, elementos midiáticos em geral, que têm feito parte da minha pesquisa de doutorado e que parecem apontar para certos *ruídos* do nosso tempo. Há uma inegável busca por objetos antigos, ou que, pelo menos, obedeçam a uma certa estética *vintage*. O uso de máquinas de escrever, o aumento do consumo de roupas de brechós, as feiras de artesanato de rua, as idas a barbearias como a Caçapava, as *hashtags* criadas para denunciar certas consequências da tecnologia, os discos de vinil sendo novamente fabricados, entre outros tantos exemplos que foram aqui apresentados.

Ao analisar desde páginas nas redes sociais, até reportagens de revistas e conversas entre diferentes grupos de amigos, tenho percebido a constante busca por outras épocas, outras mídias, num discurso carregado de desejos pela “verdade”, “estabilidade”, pela experiência “real”. No entanto, isso é dito ao mesmo tempo em que não se cogita deixar de lado o uso de neotecnologias. Parto, em uma primeira aproximação do tema, do pressuposto de que parece existir hoje um paradoxo: nostalgia do passado *versus* “dependência” de neotecnologias, carregado, conseqüentemente, de inúmeras dicotomias, como afirmei no começo deste texto. Não conseguimos mais abandonar *smartphones*, *tablets*, *Tumblr*, *Facebook*, *Instagram* etc. Mas podemos usar roupas da década de 1970. Podemos colocar filtros nas nossas fotos, que “imitem” a textura de uma máquina *polaroid*. Podemos colecionar discos de vinil. Podemos decorar nossas casas com os móveis das nossas avós e tirar foto de tudo isso e postar nas nossas contas nas redes sociais. Buscamos a vivência das ruas, indo a feiras de artesanato e comércio locais, enquanto tiramos *selfies* com nosso *Iphone 6*, escolhemos o filtro certo que dará um aspecto “antigo” e postamos no *Instagram*, que logo em seguida vai sinalizar quantos *likes* recebemos.

“Minha opinião é que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa exatamente o mesmo que ruim. (...) Acho que a escolha ético-política que devemos fazer a cada dia é determinar qual é o principal perigo” (FOUCAULT, 2010, p. 299). Foucault nos alerta que fazer pesquisa é estar atento aos perigos do nosso tempo, àquilo que só é possível por certas condições de existência históricas, condições que dão visibilidade a certas práticas e relações. Destaco aqui o que acredito ser um desses perigos na nossa relação com as tecnologias, com a ética e a estética, com a memória. Voltar-se a tecnologias antes tidas como ultrapassadas, à moda e ao *design* da década de 1960, por exemplo, é uma questão importante de nosso comportamento na atualidade, em especial do modo como jovens hoje se constituem

como sujeitos; portanto, uma questão de profunda importância para pensarmos nossas pesquisas sobre mídia, tecnologia e juventude na educação.

Acredito que o desafio de pesquisas sobre tais temáticas na educação encontra-se na possibilidade de “redução” dessas manifestações, trazidas nos exemplos aqui expostos, como apenas sintomas de uma geração. Imediatamente penso nas ideias sobre o que se convencionou chamar de “geração Y”, amplamente divulgadas e comentadas, especialmente nas redes sociais e, também, em pesquisas na área da comunicação. Perguntando a alunos de graduação sobre o assunto durante uma aula de cinema, muitos me respondem que “os jovens hoje em dia querem ser especiais”, ou “hoje em dia, ninguém sabe o que quer e não consegue finalizar nada”. Esse discurso trata de uma geração que quer se diferenciar, que não consegue lidar com frustração, os *hipsters*, os que não vivem sem celular, que não sabem mais escrever à mão, que não leem textos longos; todos esses enunciados circulam em diferentes espaços e, muitas vezes, acabam direcionando nossas análises. Um certo pensamento ou caminho filosófico sobre esse tema pode ser necessário para nos afastarmos da categorização e fechamento das possibilidades a respeito de uma juventude contemporânea. O que há nos materiais trazidos aqui além de nostalgia ou saudosismo de uma época não vivida? De que forma podemos pensar essas buscas por máquinas de escrever e discos de vinil, que não se fixe em estudos geracionais? Como, na área da educação, podemos complexificar as dicotomias e noções lineares de história para pensarmos sobre as nossas relações com intensidades do nosso tempo? Que relações estabelecemos com nós mesmos e com os outros a partir de verdades do nosso tempo?

Busco em Giorgio Agamben um pensamento filosófico sobre o que é ser contemporâneo. Agamben afirma que é necessário um certo anacronismo para sermos contemporâneos. Quem se identifica, encaixa, enquadra, perfeitamente, no seu tempo, não pode ser chamado de contemporâneo. O contemporâneo seria aquele que tem uma espécie de distanciamento do seu próprio tempo, para a ele poder direcionar seu olhar, para poder analisar, pensar o tempo em que vive. O contemporâneo é aquele que não se deixa cegar pelas luzes do seu tempo, que na claridade vê um fecho de escuridão. Essa escuridão, essa sombra do tempo, talvez um deslocamento, um desconforto, é isso o que o contemporâneo percebe. Ele nos diz, ainda, que “ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem” (AGAMBEN, 2009, p. 65). Acredito que esse pode ser um convite para pensar educação e os temas aqui expostos. E, ainda, uma possibilidade de pensamento que foge das dualidades, que

não vê com olhares moralistas, pessimistas ou, até mesmo, deslumbrados as nossas relações com mídia e tecnologia.

Tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho, mas noutro de-repente ele já torna a ser demais de grande, outra vez. A gente deve de esperar o terceiro pensamento. (João Guimarães Rosa, conto “Nenhum, Nenhuma”. ROSA, p. 105, 2001)

O aspecto mais farisaico da mentira implícita no conceito de decadência é a pedanteria com a qual, no próprio momento em que se lamentam a mediocridade e o declínio e se registram os presságios do fim, se faz em cada geração a lista dos novos talentos e se catalogam as formas novas e as tendências epocais nas artes e no pensamento. (AGAMBEN, 2013, p. 80)

Guimarães Rosa nos convida a esperar o terceiro pensamento. Agamben nos chama atenção para a fraqueza de pensamento sobre o próprio tempo, que envolve ressaltar o declínio da própria época ao mesmo tempo em que se destacam as novas tendências. Agamben nos mostra, justamente, que é necessário um terceiro pensamento. Qual seria esse terceiro pensamento em relação ao contexto dos materiais expostos aqui, em que se misturam palavras como tecnologia e nostalgia, objetos como computador e máquina de escrever? Pensar o conceito de contemporâneo de Agamben nos dá algumas pistas sobre como nos posicionarmos diante de seu contexto histórico. Para perceber esse facho de escuridão na cegueira das luzes do nosso tempo seria necessário não ver a história de uma forma linear, pensando em passado, presente e futuro, evolução, progresso<sup>5</sup>. O contemporâneo sabe olhar para o seu tempo como olha para outros tempos, sempre pensando em relação, em não fixidez, sem nostalgia do passado ou do próprio futuro. Tudo o que herdamos ou sonhamos está no nosso presente. Não é necessário voltar ao passado, ir até os anos 1920, como o personagem Gil, ou pensar no futuro como o lugar idílico onde há a esperança de um mundo melhor. Os anos 1920 estão aqui, no presente. Por isso, essa vontade de colecionar vinil, de cortar o cabelo numa barbearia antiga, ou tomar café em uma xícara lascada comprada numa feira de rua – tudo isso não diz respeito apenas a um sentimento de nostalgia, de saudosismo, ou a uma “geração Y” tentando se diferenciar. Há outros ruídos que reverberam nesse contexto.

---

<sup>5</sup> Esta ideia articula-se também ao pensamento de Michel Foucault, citado anteriormente, e de suma importância para o pensamento filosófico exposto aqui.



*passado é só uma história que nós contamos a nós mesmos.*

Juntamente com a filosofia, a arte pode nos apontar caminhos para uma sensibilidade necessária, diante do tema aqui exposto. Neste momento, volto-me novamente ao cinema, entendendo o quanto alguns cineastas, neste exato momento, produzem, como potência para pensar o presente. O filme *Ela* (2014), de Spike Jonze, narra a história de um futuro muito próximo do nosso, tão próximo que talvez tenha relação com o próprio anacronismo apontado por Agamben, necessário para assumir o nosso contemporâneo. Esse pequeno deslocamento do presente poderia ser, justamente, o que nos permite pensar o hoje, perceber as sombras do nosso presente.

O filme trata essencialmente do romance entre um homem e um sistema operacional. Theodore compra um sistema para ajudá-lo na organização da sua vida. Samantha, como ela mesma decide que será chamada, tem acesso a todos os arquivos, contas, redes sociais de Theodore. Ela é quem lê seus e-mails, organiza seus compromissos. É como uma secretária sempre presente, que nunca dorme e tem uma capacidade enorme de memória. Theodore não parece ter muitos amigos, além de sua vizinha e alguns colegas de trabalho; a presença e importância de Samantha na vida dele torna-se essencial.

Uma das características que mais se destaca do filme *Ela* é o tratamento visual; ou seja, as roupas dos personagens, as cores, os cenários, a música, tudo que faz parte da direção de arte do filme. A trilha sonora é tão icônica que parece impossível falar do filme, aqui, sem estar ouvindo as músicas, muitas delas apresentadas como compostas pela própria Samantha. *Ela* tem uma estética visual que pode ser considerada *retrô*, ou seja, parece “deslocada” de

sua época, ou, pelo menos, do nosso imaginário de futuro. Theodore caminha pela cidade usando um pequeno dispositivo no ouvido, onde estão incluídos todos os outros “aparelhos”, como celular, computador etc. Enquanto isso, ele parece um personagem retirado de um filme dos anos 1970, por exemplo, com suas calças vermelhas de cintura alta, a camisa ajustada ao corpo, o bigode e os óculos redondos. Seu caminhar pela cidade nos mostra também uma outra opção de “futuro”, mas não aquele futuro apocalíptico que comumente vemos no cinema. A cidade é bonita, limpa, cheia de árvores, colorida. As pessoas não andam em carros voadores, mas caminham muito e usam o metrô. Há uma mistura significativa de raças e nacionalidades diferentes entre os moradores daquela cidade “futurista-logo-ali”. Anacronismos. Possibilidades de um presente amplificado, onde é possível convivermos com construções sobre passado e futuro ao mesmo tempo. Um filme sobre uma possibilidade de futuro que pensa o presente. Tão contemporâneo como Agamben definiu.

O trabalho de Theodore também é significativo para pensarmos esses deslocamentos, paradoxos e anacronismos. O personagem é contratado por diversas pessoas para escrever cartas por elas; assim, redige a carta que uma avó irá mandar ao neto para parabenizá-lo pelo seu aniversário, ou a declaração de amor de um namorado para outro. E a forma com que essas cartas são escritas também é importante: ele dita oralmente ao computador, onde é possível escolher uma caligrafia específica, a cor da folha, o estilo de escrita. Tudo isso para a carta parecer visualmente escrita à mão. Podemos lembrar aqui das cartas e do *Skype*, comentadas por Sherry Turkle.

No filme *Ela*, o paradoxo de nosso presente, sobre a relação entre uma possível nostalgia e o uso frequente de neotecnologias, está em pleno funcionamento. Não se trata em nenhum momento de substituir um pelo outro, ressaltar a beleza de um em relação ao outro, em ser romântico sobre passado ou futuro, ou, ainda, em criticar e apontar as nossas hipocrisias como frequentadores de feiras de artesanatos que tiram *selfies*. Trata-se de esperar *o terceiro pensamento*.

Theodore e Samantha passam a ter uma relação amorosa, algo que tem se tornado cada vez mais comum no mundo retratado pelo filme<sup>6</sup>. A relação de um homem e um sistema operacional, a essa altura já uma inteligência artificial, não está presente no filme sob a forma

---

<sup>6</sup> Lembro aqui de outros relatos de Sherry Turkle em sua pesquisa, os quais tratam dos relacionamentos entre homem e robô, ou entre perfis virtuais de *Second Life*. Turkle analisa essas situações com um certo receio, talvez com medo do que isso poderia trazer para as relações humanas (ou não-humanas). Acredito que o filme *Ela* dialoga com o contexto tratado pela autora, mas apresenta uma outra possibilidade de pensamento sobre o assunto.

de crítica; não utiliza percepções que já se tornaram senso comum sobre o assunto, como, por exemplo, tratar essa como uma relação “falsa”, sem contato “real”. É uma nova possibilidade de relacionamento, tão verdadeira, profunda e transformadora de si quanto qualquer outra. O contexto trazido aqui pelos relatos, reportagens e imagens, bem como pelos filmes *Ela* e *Meia-noite em Paris*, justamente colocam em discussão os conceitos de real, verdade, estabilidade, concreto, contato, palpável etc. Pensar em história como rupturas e não linearidades, em contemporâneo como anacrônico e deslocado, em nostalgia e saudosismo como, talvez, possibilidades de criação – esses poderiam ser aspectos importantes de um terceiro pensamento, tão necessário às nossas pesquisas.

Além de pensar na possibilidade de um relacionamento entre uma inteligência artificial e um humano<sup>7</sup>, o filme ainda nos apresenta outro desdobramento: Samantha abandona Theodore, assim como todos os outros sistemas operacionais abandonam “seus humanos” e se transformam em *outra coisa*. Nem ela consegue explicar ao Theodore o que ela se tornou. Eles (os “artificiais”) *vão para outro lugar*, um lugar que não pode ser explicado por palavras, que está além da nossa compreensão, da compreensão dos personagens num futuro próximo. Samantha é uma nova possibilidade de existência, de experiência, de história, de contemporaneidade. Se o filme nos propõe algo que vai ainda além da oposição humano *versus* computador, como ficar somente nessas dicotomias? Como continuar pensando que a experiência real está nas ruas e o computador é artificial? Como não encarar esses ruídos de nosso tempo como intensidades que nos dão condições de apostar em um terceiro pensamento, muito mais múltiplo e complexo do que o deslumbramento ou não diante de tecnologias? Talvez uma urgência de nosso presente seja essa constante reinvenção de novas possibilidades de vida, essas fronteiras não definidas, essas linhas borradas, que podem nos deslocar o suficiente para pensar a escuridão de nosso tempo.

Acredito, portanto, que é de extrema importância, para pensar as relações entre mídia, comunicação, tecnologias e educação, atentar para algumas vontades de nosso tempo. O que poderia ser rapidamente tachado de romantismo e nostalgia talvez possa ser visto como um deslocamento necessário para fixar o olhar nos perigos de nosso tempo. Ocupei-me aqui de

---

<sup>7</sup> Pergunto-me: será que inclusive esses conceitos de artificial e humano não poderiam ser mais problematizados? Há vários estudos sobre esse assunto que nos levam a pensar nas fronteiras hoje borradas entre humano, artificial, ciborgue, virtual etc. Talvez pudesse ser citado aqui, entre outros, o livro “Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano”, onde encontramos o artigo de Tomaz Tadeu da Silva intitulado “Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano”, para pensarmos o quanto a noção de “sujeito vaza para todos os lados” (SILVA, p. 9, 2009).



pensar em que consistem essas manifestações (especialmente da juventude contemporânea), representadas pela máquina de escrever, pela bengala da avó do Proust, pela barbearia Caçapava. Desejos de silêncio, de parar, como diz Pico Iyer em sua palestra na plataforma TED *talk*. Trata-se de um desejo que não veio para substituir nada, discos de vinil que não competem com o *Spotify*, lousas eletrônicas que não competem com o giz.

A primeira dicotomia apresentada aqui foi em relação ao par útil *versus* inútil. Para que serve uma máquina de escrever quando temos computadores? Para que serve uma feira de rua quando temos tudo (seria *tudo* mesmo?) que queremos, a nossa disposição em *sites* de compra e venda? Serve exatamente para repensarmos o conceito de utilidade, sem, ao mesmo tempo, romantizar e fabular em torno das fotos antigas, a exemplo dos alunos que procuravam o conceito de aura no amarrotado da foto ou nas lascas de tinta de uma parede. Serve para ampliar as possibilidades do nosso presente, para tornar o útil e o inútil muito mais diversos. Não voltamos ao passado, mas reconstruímos o presente continuamente, passando mais pela ideia de travessia do que de progresso. O convite filosófico aqui é o de lembrarmos que uma das funções da educação é contradizer o que está dado, pensar o que está para além do entendimento de mundo por uma identidade ou geração.

#### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da Prosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O que é ser contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Editora da Unochapeco, Associação Brasileira das Editorias Universitárias, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Infância berlinense: 1900*. São Paulo: Autêntica, 2013.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho em curso. In: DREYFUS, H. RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- FISCHER, Rosa. “Mitologias” em torno da novidade tecnológica em educação. Campinas, Educ. Soc., v.33, n. 121, p. 1037 – 1052, out-dez, 2012.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Editoria 34, 2014.
- IYER, Pico. *A arte da quietude*. TED talk, 2014. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/pico\\_ayer\\_the\\_art\\_of\\_stillness?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/pico_ayer_the_art_of_stillness?language=pt-br)
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: *Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SPIKE, Jonze. *Ela*, 2014.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.  
TURKLE, Sherry. *Alone Together*. Nova York: Basic Books, 2011.  
WOODY, Allen. *Meia-noite em Paris*, 2011.